

Helena Mouro. 2001. *Solidariedade e Mutualismo: Um Espaço Partilhado*. Coimbra: Quarteto. 315 pp. ISBN: 972-8717-04-0.

Inerente à própria condição humana, a solidariedade organiza-se fundamentalmente como processo de defesa no interior de qualquer colectivo e como natural resposta à emergência de adversidades sentidas pelo organismo grupal.

Sendo por definição génese de multímodas cumplicidades grupais, as manifestações solidárias não só reforçam laços como estruturam relações, por um lado, descobrem forças e reforçam hábitos culturais, por outro, edificam, enfim, no conglomerado dos sentimentos de partilha, espaços outros de socialização e, como tal, contribuem para a harmonização social.

Vector de desenvolvimento e reprodução dessa solidariedade, o mutualismo afirma-se historicamente como resposta a desajustamentos sociais e institucionaliza a cooperação e a ajuda mútua a nível ideológico. Afastado de uma química mental que acata e se resolve por determinantes caritativas, a acção mutuária assume-se como actividade estimuladora comprometida com a evolução das economias, possibilitando a compreensão da estruturação anómica da sociedade e dos níveis de produtividade e de acção social.

Enquanto modelo paradigmático do exercício da solidariedade, o mutualismo implica o estudo aprofundado da própria solidariedade social, enfrenta os movimentos e crises sociais, reflecte sobre e reflecte-se em a esfera do político, contextualiza-se enfim na dimensão conjuntural do processo social e redefine as próprias realidades sócio-históricas da sua emergência.

É este contexto de relação entre solidariedade e mutualismo, digamos desta forma simplificada, o objecto de estudo de Helena Mouro na obra que recensamos.

E, diga-se desde já, que estamos perante um trabalho de grande fôlego e de visita obrigatória a quem queira compreender esse fenómeno inter-relacional e sua possibilidade de ser pensado.

Ao debruçar-se, na primeira parte do livro, sobre a interpenetração do mutualismo na dimensão espacial da solidariedade, como fenómeno social, a autora percorre o impacto político-social de situações históricas de crise, demanda conceitos fundadores de inter-

pretações da problemática social, ascende à complexidade ideológica das motivações e resoluções dos modelos legitimadores da Solidariedade Social, percorre o tempo e dinamiza o processo histórico no sentido da compreensão da dinâmica laicizante e mais ou menos integradora da sua participação social, levando o leitor, pela via de uma sólida argumentação e mobilização de dados, a compreender o percurso de desdogmatização do processo interventor e da diversificação actuante da solidariedade, o que lhe permite explicar como deixou 'de ser vista como um elemento iconográfico da ajuda e como elemento caudatário do sistema social' na sua articulação com a problemática das desigualdades sociais.

Ao ocupar-se da complexidade da vida social do mutualismo, Helena Mouro demonstra exaustivamente os caminhos da sua articulação simbiótica pragmático-idealista com a edificação planificada de acção social visando a modificação da vivência social de alguns estratos da sociedade, o mesmo é dizer pela via de uma vis doutrinária de matriz liberal que qualifica em termos axiológicos a solidariedade, mas também os demais pilares da nova mundividência oitocentista como a democracia, a independência e acima de tudo a liberdade.

Entendida como prática de ajuda social, a solidariedade aparece-nos consequentemente descodificada como 'um comportamento que caracteriza cultural e ideologicamente uma postura ética ou religiosa de estar na vida em sociedade, que tendo surgido sob uma forma individual evoluiu para formas colectivas e organizadas de intervenção social e se desenvolveu de acordo com as características sócio-históricas do processo de evolução não só das relações sociais, económicas e culturais, como também da alteração do modelo de gestão social' (p.49), o que nos permite perceber os caminhos de apropriação religiosa da pobreza e do pobre, e, concomitantemente, a reprodução do sistema económico dominante partícipe de uma cultura de solidariedade de matriz cristã ou católica, não interrogante das raízes das desigualdades sociais.

Helena Mouro não só fundamenta no real histórico todas as suas reflexões sobre o exercício institucional da solidariedade, da vivência sincrónica à leitura diacrónica, como ao estudar o mutualismo enquanto fenómeno social propõe, a nível da história das ideias, a pensabilidade do universo simbólico das

vivências individuais e colectivas, do *ethos* sociológico à genética e à hereditariedade sociológica do mutualismo para ocupar-se da sua institucionalização social, todo um percurso de seguro aprofundamento heurístico e não menor exigência hermenêutica.

Na segunda parte do seu trabalho a autora ocupa-se do estudo do mutualismo português a partir da sua emergência liberal compaginada com os paradigmas societários decorrentes de uma época 'em que o mundo das ideias se transformou em palavras sem que o mundo das palavras se tivesse transformado em acção', para poder sustentar a partir da análise ideológica uma assumida psicanálise histórica e sociológica da intervenção social do mutualismo.

Quer pela mobilização e interpretação dos dados históricos e alicerces estatísticos, quer pela estruturação do pensamento em presença das modificações que a complexidade da aceleração histórica imprimiu à construção social do mutualismo português, a autora percorre normativos legais, programas partidários e configurações religiosas que a um tempo se tornaram o caldo de cultura e por vezes retorta de ebulição de conflitualidades na vida política da sociedade portuguesa.

O desempenho institucional das mutualidades, de meados de oitocentos até ao advento da República, 'pautou-se essencialmente por uma tentativa de conciliação entre a intensificação do seu papel social e a perservação da sua identidade ideológica' (p.189), assistindo-se à multiplicação das associações mutualistas e crescimento do número de associados, o que desembocou nas perplexidades e temores resultantes da criação do Ministério do Trabalho e Instituto de Seguros Sociais (1919), logo prolongados com o regime saído do golpe militar iniciado em Braga em 28 de Maio de 1926 e depois consolidados na dominância doutrinária do corporativismo estadonovista.

Ao ocupar-se das mutualidades na realidade portuguesa, Helena Mouro enfrenta as modificações de distribuição geográfica e confere-as com o impacto poliédrico da sua apresentação sócio-política, para, sustentada em caboucos estatísticos, nos oferecer um quadro de referências de rara claridade na compreensão do fenómeno português.

A última parte do livro reflecte sobre o espaço de partilha da solidariedade e do mutualismo, partindo da configuração etimológica dos dois termos, ambos alimen-

tados 'do mesmo líquido amniótico antes do seu nascimento social', paara definir a solidariedade como 'edifício' que albergou solidariedades várias (familiar, de classe, social, económica, política, ideológica, cultural, ecológica), edifício que permanece aberto a outras formas de solidariedade. Verificada a istmização da solidariedade social e as suas condicionantes ideológicas, estabelecidas as relações e legitimação institucional para o caso português do mutualismo, a autora analisa sistemática e com finura interpretativa a representação institucional da solidariedade e do mutualismo, reflectindo aquilo a que posso chamar de forma convexa mutualista *versus* a expressão côncava da acção das Misericórdias, se fosse aqui agora o espaço de retoma de um diálogo académico que oportunamente travámos em torno desta obra.

Resta-nos repetir que estamos perante um livro de grande importância no domínio das ciências sociais, que fica como obra de referência para quem queira compreender o mundo das ideias que fervilharam em Portugal desde a emergência do liberalismo e as perplexidades interrogantes que conformaram desde então o devir histórico.

José Henrique Dias

Instituto Superior Miguel Torga

Helena Mouro e Dulce Simões (coords.). 2001. 100 anos de Serviço Social. 377 pp. Coimbra: Quarteto Editora. ISBN: 972-8535-65-1.

Helena Mouro e Dulce Simões tiveram uma ideia fecunda que tornaram realidade. A ideia foi a coordenação e publicação deste livro, um projecto multinacional, para discutir junto com a classe profissional e dar a conhecer à comunidade em geral que o serviço social tem uma história acumulada de um século, como campo e disciplina autónoma, um percurso feito de intervenção e reflexão, de ideologias e práticas, fundamentalmente centrado no inconformismo perante a injustiça social. A obra reúne perspectivas múltiplas, traduzidas em 13 capítulos de outros tantos autores, de Portugal, Espanha, Brasil, Argentina, França, Itália, Alemanha, Canadá e Estados Unidos. Como expressão do carácter multinacional das colaborações e experiênci-